

# O espelho da Covid-19

Sandra Raquew dos S. Azevêdo\*

Todas as vezes em que tento olhar o acontecimento global, que é a presença da Covid-19 no planeta, chega-me a imagem da virada do ano de 2019 para 2020, especialmente uma foto tirada com um amigo, na praia, durante a queima de fogos. Na foto, estáticos e sorridentes, lá estamos nós à espera do que estaria por vir, cheios de esperança diante de um enigma, o futuro. Estávamos imersos, numa felicidade misteriosa. Vez por outra, observo essa foto e, perplexa, penso que nunca seríamos capazes de imaginar o que estava por vir.

Por sempre prestar atenção às notícias como parte do cotidiano, observava de longe e superficialmente a cobertura do surgimento do novo vírus em Wuhan, imaginando o que representaria seus impactos numa população em larga escala como a chinesa. Não pensava inicialmente que seria essa uma realidade ampliada, compartilhada por diferentes lugares do mundo, inclusive pelo Brasil.

Quando, vez por outra, eu revejo a foto do final do ano, diante da Covid-19, como uma presença que assola o cotidiano, eu sinto quase um frio na espinha. Penso que a pandemia chegou para mim, para minha rotina, quando tive medo, mas muito medo, de liberar meu filho para ir à escola. Nesse dia, pensei em Chernobyl e imaginei, ao observar o mar, que tudo estava se tornando muito estranho. Era tudo ainda muito silencioso. E já era março de 2020, e o vírus estava entre nós.

A interdição consensual do espaço de liberdade, do direito de ir e vir, como uma maneira de garantir a vida diante do desconhecido, foi a primeira decisão que nos impactou profundamente. Lembro deliciosamente o meu último mergulho no mar, quando, com total consciência, sabia que ficaria em isolamento. Acho o termo uma tentativa de apaziguar o drama de se estar confinado e, por certo, considero engraçado e estratégico como a gente sempre vai desenhando a cena social semanticamente: um redesenho cognitivo para tornar palatável o que em si é desesperador.

---

\* Jornalista formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Departamento de Jornalismo da UFPB. Doutora em Sociologia. Especialista e Mestra em Educação.

Bem! No meu último banho de mar, entendendo claramente o que viria depois, estava sozinha, absolutamente, a praia deserta, antes de ser interdita, ainda era março. Não havia ninguém. Internamente pairava uma inquietude e uma necessidade de orar, de rogar a Deus por tudo o que viria, sem que eu soubesse de nada. Tomei banho de mar como uma cobra que deixa sua pele na estrada. Permaneci, por quase uma hora, dentro d'água, observando o infinito. Ao sair do mar, fui deixando para trás aquela “velha” vida, para o estar no hoje.

Deixei para trás todos os planos, como quem abrisse uma mala de viagem e jogasse na estrada todas as roupas ao vento. Abandonei todas as imagens construídas em direção a um futuro próximo. Alforriei-me das expectativas. Eu, outrora ansiosa, fui desconstruir as cartografias do tempo traçadas nos *planners*, nas agendas, nas horas cronometradas. Estava me despedindo dos dias, que outrora haviam sido por vezes tão metódicos, apressados, ofegantes, exaustivos, corridos, corrosivos. De certo modo, levava aqueles dias que antecederam a pandemia do Século XXI como uma mulher octopos, abraçando diferentes mundos com os tentáculos invisíveis.

Sem a promessa de futuro, confinada em casa e confrontada apenas com o presente, decidi desmontar, desconstruir os “braços robóticos” que tendiam a trazer excessos ao meu dia em cuja realidade fronteira, trazida pela Covid-19, deveria caber apenas o essencial. Sempre achei potente a perspectiva desconstrucionista. E nada como um território absolutamente limitado e sem extensas mobilidades, para ir jogando fora o que não cabe mais em canto nenhum.

A casa-semente foi virando a casa-casulo. A constante permanência reinventada, mesmo que seja por uma disposição diferente de horários, dos móveis, da “rotina” de trabalho, das refeições. Reencontrar-se todo dia na mesma roupagem, o espaço privado. Encontrar um caminho de volta para integração do seu eu.

Chega o luto, repentinamente, imprimindo o vazio em minha existência. Uma partida, uma despedida de uma irmã, numa UTI, mediada por tecnologia. Um realismo mágico que não coube em “Cem Anos de Solidão”. Ao mesmo tempo, um pequeno milagre de poder, sem saber, viver nosso último momento juntas, olhando

uma nos olhos da outra e sonhando com um reencontro. E, de repente, esse luto e melancolia se ampliam pelo país inteiro.

É a necropolítica acentuando as mortes por seu propósito permanente de contrariar a vida, e as pessoas lutando para sobreviver... O impulso solidário no micro-espço, nos micro-poderes fazendo, tentando fazer valer a vida. O vírus se alastrando Brasil a fora, Brasil a dentro. É o Brasil profundo somando forças, tecendo seus pequenos milagres, reconstruindo seu tecido social, o país redescobrimdo a preciosidade de seu Sistema Único de Saúde (SUS), ressignificando sua presença.

Sem os grandes deslocamentos, a gente vai aprendendo cada vez mais a transitar pela interioridade, reinventando a rota de intimidade, dos saberes, sabores, abertos a novas formas de fazer, atentas às estratégias para sobreviver. Ter orgulho do Jornalismo na prática de atuar pelo interesse público, pelo bem comum; jornalistas estando na linha de frente, somando forças com tantos profissionais. É necessário enfrentar diariamente a estratégia da desinformação.

Somos nós, mulheres jornalistas, somando a tantas outras mulheres, deixando clara a violência estrutural presente na desigualdade de gênero, escancarada no aumento da violência doméstica em tempos pandêmicos e pelo racismo, também estrutural, promovendo o genocídio da população negra. A Covid-19 contribuiu, e não sei mensurar seu mecanismo, para situar uma lente potente diante das assimetrias secularmente arrastadas. Ninguém vai poder “fingir” que não viu.

Percebi socialmente uma certa redescoberta da solidariedade firmando estratégias coletivas para sobreviver, partilhando o afeto, o pão, as histórias, os conhecimentos... A economia local se refazendo na relação mais direta, mais sustentável, enfrentando a especulação financeira, dragão ofegante contrariado; de casa, mantendo os vínculos com seu Manoel da Peixada Valdevino, do mercadinho dos Irmãos Nunes, da Farina, da Padoca do Cicico, a feira de orgânicos chegando a casa, a Casa do Cariri. Todas experiências locais de uma economia mais justa.

Relembro o texto bíblico que diz: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”. A palavra como ponte, a interação sustentando a afetividade em tempos duros, tempos de choro, medo, inquietude,

indignação. Palavras chegando de forma generosa. Gente precisa de gente. As máquinas ajudam, mas não se transmutam em corporeidade.

E a saudade de abraçar, de cheirar, de dançar junto, de tocar?... Os afetos, como elementos primordiais para imunidade.

Tempo de descobertas, as novas habilidades: a yoga, a aromaterapia, as costuras, as linhas da vida sendo tecidas por meio das narrativas que foram fluindo ao longo desses dias não remotos. A música presente compondo uma trilha sonora em aberto.

O trabalho, uma constância; jornadas difusas, contínuas, a pesquisa se fazendo passaporte com visto, assegurando para a aventura das novas descobertas que vão chegando. Reafirmar o fazer junto, a rede de atores, os rizomas se ampliando, as saídas precisam ser construídas por muitas mãos, sempre de mãos dadas com a vida. A cartografia das cadernetas de campo, a intuição pulsante.

Sentir o Solstício de Inverno chegando através desse espelho que é a Covid-19, revirando todas as nossas imagens pelo avesso, rachando as redomas do mundo e, por vezes, colocando-nos nas redomas das *lives*, como se elas fossem bolas de sabão prestes a estourar.

E a vida se colocando numa crescente como uma vegetação de restinga que também redesenha o espaço do Oceano, apontando para um horizonte em que todos buscamos escapar.

João Pessoa (PB), junho de 2020